



Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL

Curso de Letras - Português - Licenciatura

Trabalho de Conclusão de Curso

Vitória Burjack Cruz

A máscara que esconde o rosto sofrido e calejado: um estudo sobre Vidas Secas e sua relação com a pandemia COVID-19

BRASÍLIA

2022

Vitória Burjack Cruz

A máscara que esconde o rosto sofrido e calejado: um estudo sobre Vidas Secas e sua relação com a pandemia COVID-19

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras. Orientador: Prof. Robson Coelho Tinoco

BRASÍLIA

2022

Agradecimentos:

São tempos difíceis os que temos vivido. Só Deus sabe o que passei para chegar até aqui e como foi difícil. Quero começar agradecendo a Ele, porque sem o sustento dele, eu não seria nada, nem ninguém. Deus sempre foi a minha força, o meu auxílio e a minha fortaleza.

Quero agradecer aos meus queridos professores. A todos que passaram pela minha vida. Todos foram inesquecíveis e fazem parte de quem eu sou hoje.

Gostaria de agradecer à minha mãe, que sempre fez de tudo pelos meus estudos. Mesmo quando tudo estava difícil após a morte do meu pai, ela nunca abriu mão de nos oferecer um estudo de qualidade. Obrigada, mãe, por ser meu apoio, meu afago, minha rocha e minha alegria em tempos de angústia.

Quero agradecer ao meu pai, que não está mais aqui, mas que se faz presente em nossos corações. Ele não teve oportunidade de fazer curso superior, mas em todo momento nos incentivou a persistir e a lutar por nossos sonhos. Pai, hoje eu sou a mulher resiliente que sou, graças a você!

Gostaria de agradecer ao meu noivo que em todo momento ouve as minhas dores e lamúrias com paciência e amor. Obrigada por sempre estender a mão quando eu grito por ajuda e por sempre me lembrar do meu propósito aqui nessa Terra. Você é um presente de Deus na minha vida.

E por último, mas não menos importante, quero agradecer ao professor Robson, que em todo momento foi atencioso comigo e me ajudou.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.”

Theodore Roosevelt

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, e observar certas semelhanças com a pandemia da COVID – 19 e todo o contexto que envolve o mundo, mas principalmente o Brasil.

As indagações e percepções de Fabiano, trazidas à tona pelo discurso indireto livre de Ramos, são matérias que nos permitem refletir a respeito da sua complexidade psicológica.

Vidas Secas é uma crítica ao grande latifúndio, ao coronelismo, representado pelo “patrão” ou “dono da fazenda”, que humilhava e extorquia Fabiano, impedindo que ele saísse do ciclo de opressão sob o qual vivia.

O romance denuncia a realidade social dos sertanejos pobres que viviam no Nordeste da época, cujo cotidiano era marcado pela opressão, humilhação, miséria, espoliação econômica e extremas privações e como o período da seca era difícil para essa Região, que chega a ficar um ano inteiro sem chuvas.

Mais do que a seca causada pela inclemência da natureza, o que oprimia Fabiano e sua família eram as relações de dominação estabelecidas pelos próprios homens. Por isso não se trata apenas de um romance típico somente sobre a seca, mas também sobre vidas secas. *Vidas* apresentadas em toda sua complexidade enquanto partes de um processo sistemático de exploração e humilhação.

A crítica de Graciliano parte principalmente sobre a necessidade de mudar a vida rural, onde a maioria dos pobres vive em condições miseráveis, sob o comando dos grandes latifundiários, incapazes de obter a propriedade da terra e concentrados nas mãos de poucas pessoas com privilégios.

Além de tratar da relação de governo estabelecida pelos homens que oprimem Fabiano e sua família, é um romance que mostra a vida árida e escassa de esperança.

Para Candido, *Vidas Secas* é uma obra que constitui o aparelho de opressão dos pobres (2006, p. 86). A partir de ações simples, cruas e diretas, Graciliano buscou expressar o universo opressor para o qual Fabiano e sua família foram transportados,

no qual a dor e o sofrimento humano são esmagados do ponto de vista. Fabiano representa a imagem de um sertanejo oprimido pelo meio em que vive, pela injustiça social e pelo sofrimento que tem de suportar em meio à fome e à miséria. Nos livros de Graciliano Ramos, é comum encontrar silhuetas de meninos, homens, mulheres, pobres, miseráveis, inteligentes, cultos, enfim, personagens geralmente pessimistas que, segundo Candido, "obedecem a uma fatalidade cega e má" (2006). , p.75).

De acordo com Alfredo Bosi, o realismo presente nos livros de Graciliano "não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O herói é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo" (1982, p. 454). *Vidas Secas* destaca-se de outras obras de Graciliano Ramos porque o escritor procura "destacar a humanidade daqueles que se encontram no nível cultural e social mais baixo, mostrando que seu status imaterial existe na criatura mais brutal" (CANDIDO, 2006, p. 146).

Um pouco sobre o autor

Graciliano Ramos (1892-1953) fez parte do grupo que a crítica literária veio a batizar posteriormente como “romancistas de 30”.

De acordo com Candido (1989), o decênio de 1930 é um “termômetro” de uma orientação que se manifestaria com toda a força nos anos de 1950. Os escritores dos anos de 1930 expressam um trânsito entre as noções de “país novo” e de “país subdesenvolvido”. A primeira noção fomentada por um lado pelo “adquirido”, mesmo que metaforicamente, com a independência e pelo “construído” na literatura romântica (ou seja, tendo como parâmetro o século XIX), isto é, a ideologia do “país novo” manifesta essa consciência amena do atraso, conduzindo a “uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social” (CANDIDO, 1989, p. 142). Por outro lado, a noção de “país subdesenvolvido”, retratava “a tomada de consciência da nossa diferença, traduzida em termos de miséria e atraso” (CAMILO, 2013, p. 576).

Segundo Bosi (1982, p. 453), Graciliano via em cada personagem um rosto anguloso de opressão e dor. O autor de *Vidas Secas* conhecia a realidade histórico-social atrasada do país. Suas obras registram assim uma “decadência do Nordeste, as dificuldades da classe média no início da urbanização e os conflitos da burguesia” (BOSI, 1982, p. 435). Além disso, Graciliano escreve seu livro com “espírito de prontidão para questionar, quebrar, resolver problemas. Encontramos em seus relatos a experiência dolorosa e lúcida das tensões que compõem a estrutura material e moral do grupo em que vivem” (BOSI, 1982, p. 432).

No romance *Vidas Secas*, é hiperbólico definir o enredo apenas como “a história de uma família migrante vivendo no deserto e os sofrimentos da seca” (BOSI, 1982, p. 456). O romance desdobrável de Graciliano Ramos se diferenciava de outras obras de sua época por ter uma trama realista rudimentar. O autor utiliza linguagem concisa, objetiva e sintaxe clássica para relatar os infortúnios de uma família em que um homem, uma mulher, crianças e seus animais de estimação são vítimas da seca e oprimidos pelo poder de quem pode comandar: “mestre e soldado de amarelo”

(BOSI, 1982, p. 456). Candido (2006) analisa o valor de Graciliano Ramos e sua obra como romancista:

Graciliano conseguiu ressaltar a humanidade dos que estão em níveis sociais e culturais mais humildes, mostrando a condição intangível e presente na criatura mais embrutecida. Saber descobrir essa riqueza, pôr a nu esse filão, é afinal a grande tarefa do romancista. (CANDIDO, 2006, p. 146)

Neste trabalho, discutiremos especialmente a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, trazendo à tona algumas semelhanças possíveis com os tempos pandêmicos e as difíceis fases desse momento que o mundo tem vivido, mas principalmente o Brasil.

Adentrando *Vidas Secas*

Através de sua criatividade literária em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos soube ficcionalizar algumas realidades peculiares do país, desde as questões locais até ao nível geral, como a pobreza, a falta de estudo, a falta de saneamento, entre outros.

"Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos."
(RAMOS, 2008, p.2)

A obra de Graciliano não é de difícil entendimento. Ele traz sua narrativa a favor dos problemas que afligem o sertanejo. Problemas estes que abrangem também o universal, como no caso da pobreza, da falta de estudo e da falta de condições básicas de vida. Mas também traz à tona os sonhos secos e as esperanças, a justiça e a dignidade, mostrando os personagens condenados a viver eternamente à mercê do próprio destino e da própria sorte.

O cenário em que a história se passa é marcado pelo pessimismo, sofrimento e falta de discernimento; um universo rural que anula qualquer possibilidade de uma vida digna. Em meio a essa realidade, o autor mostra ao leitor o cotidiano de uma família sofredora, oprimida pela seca e pisoteada pela indiferença das autoridades, ou seja, retrata uma realidade determinada pela variação do tempo e do espaço, pela divisão de dois mundos cultural e economicamente antagônicos (rural e urbano), constantemente se confrontando, preservando seus valores e status:

"Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai

vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látegos — aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias."

A estrutura cíclica

No capítulo final ("fuga"), outra seca ocorre e a família é novamente forçada a fugir para o sul para sobreviver. Então temos a estrutura cíclica dessa história. O livro começa e termina com uma família cuja situação é semelhante à dos migrantes, como se tivessem retornado ao mesmo ponto de partida.

Deve-se mencionar aqui que essa estrutura cíclica da história tem um forte aspecto simbólico. Graciliano Ramos chama a atenção do leitor para o drama dos migrantes nordestinos, que se repete em ciclos, não apenas sobre a seca, mas também sobre o sofrimento e as injustiças sociais vividas passadas de geração em geração. O drama que Fabiano passou foi vivido por seu pai, seu avô e muito provavelmente será repetido por seus filhos, pois vivemos em um país onde não há oportunidades e educação inadequada para quem mais precisa.

É provável que os migrantes continuem a viver no espaço que ocuparam. Portanto, eles foram forçados a recuar em outro lugar. Uma das consequências dessa vida nômade dos sertanejos é a fragmentação no tempo e no espaço. Graciliano Ramos tentou capturar essa fragmentação na estrutura de Vidas Secas usando um método composicional que rompe com a linearidade do tempo, frequentemente encontrada nos romances do século XIX.

O foco narrativo de *Vidas Secas*

A escolha da direção narrativa em terceira pessoa é simbólica, pois é o único livro em que Graciliano Ramos utiliza tal fonte.

No discurso direto, o narrador limita-se a apresentar o personagem, deixando-o então se expressar com suas próprias palavras. Formalmente marcado pela presença de verbos auxiliares, como: dizer, afirmar, ponderar, pensar, perguntar, responder, etc., e usando travessões ou aspas, os leitores podem reconhecer facilmente a fala direta.

No discurso indireto, o narrador incorpora a fala da personagem à sua, introduzindo-a indiretamente com um verbo demonstrativo (dizer, afirmar, confessar, perguntar, responder etc.) e uma importante oração subordinada, usualmente introduzida pela conjunção integral "que".

Vê-se que, no discurso indireto, a fala da personagem perde sua espontaneidade, adquirindo um tom mais informativo, intelectual, pelo fato de ser introduzida pela dependência sintática-semântica, destinada a estabelecer correspondência entre as palavras. A realidade é transmitida pelo personagem e a frase é reproduzida indiretamente pelo narrador.

O Discurso Indireto Livre é um terceiro tipo de material narrativo, um dispositivo híbrido a partir do contraste dos dois discursos citados. Trata-se, portanto, de uma espécie de fusão, na qual o narrador, ao invés de recriar a própria fala do personagem (discurso direto), ou informar o leitor sobre o que vai dizer (discurso indireto) com ele, dando a impressão de que ambos estão falando em uníssono, então às vezes é um pouco difícil separar as palavras do personagem das do narrador. Na citação a seguir, extraída do capítulo "Fuga", de *Vidas Secas*, Graciliano Ramos emprega três tipos de discurso, mesclando-os com extrema habilidade estilística.

Em que estariam pensando?, zumbiu sinha Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas sinha Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha

sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.

– Vaquejar, opinou Fabiano.

No entanto, muitas vezes o leitor fica com a impressão de que a história é contada pelos personagens do livro, em primeira pessoa. Isso acontece porque o narrador do ponto de vista do personagem se concentra nesse momento, descobrindo assim, além do drama social, o drama psicológico.

A técnica narrativa mais importante deste trabalho é o uso vigoroso do discurso indireto livre. Se o leitor não estiver prestando atenção, ele pode não perceber que essa fala na verdade é do personagem. É uma técnica rara e difícil utilizada pelo autor e percebida pelo leitor.

Em *Vidas Secas*, em vez de um mundo ser descrito com seu próprio ponto de vista analítico, o narrador permite que o narrador veja e perceba as situações através de um ponto de vista diferente do seu. A história é assim criada a partir da percepção imediata dos personagens. A partir de agora, o narrador não é apenas um orador, mas também um ouvinte.

Um exemplo de evento refletido pela percepção sensorial pode ser encontrado em *Vidas Secas* no trecho alusivo à tontura vivenciada pelos idosos. A reflexão que ocorre neste episódio é sobre os sentimentos que ele passa quando se sente mal, de fome, e vendo a árvore se mexer e depois desaparecer. Além de contar o ponto de vista desse menino, o narrador sustenta tanto sua visão quanto seus sentimentos, deixando claro que o espaço da ação oferece ao leitor a possibilidade de vivenciá-la no mesmo sentido a experiência sensorial que os personagens vivenciaram:

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. [...] Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. (RAMOS, 2008, p.7)

De acordo com Candido, o recurso escolhido para contar as infelicidades da família de retirantes de *Vidas Secas* seria para:

encastelar uma terceira pessoa alheia ao mundo ficcional, que hipertrofia o ângulo do narrador culto, atenua ao máximo o hiato entre criador e criatura, dissolvendo de certo modo o homem culto no homem rústico. Ele deixa de ser um ente separado e estranho, que o homem culto contempla, para tornar-se um homem realmente humano, cujo contato humaniza o leitor” (CANDIDO, 2012, p. 89).

Em outras palavras, a ideia de usar o discurso indireto para escrever o romance talvez tenha sido uma estratégia para aproximar leitor e obra e também para dar mais realismo à obra ficcional *Vidas Secas*. Segundo Alfredo Bosi (1982, p. 456), o emprego da terceira pessoa gramatical no romance seria para apresentar a desagregação a que o meio arrasta os destinos inúteis de Fabiano, Sinhá Vitória, Baleia e os dois meninos.

O contexto que castiga

Em vidas secas podemos ver e perceber que a seca foi um fator também relevante em toda a trajetória dos personagens. Ela castigava e massacrava os retirantes que não tinham a mínima condição básica de vida.

Em meio a todo o caos pandêmico que temos vivido, podemos relacionar outro contexto que tem castigado a todos, mas principalmente os de baixa renda: a própria pandemia em si. Quantas coisas os brasileiros perderam em meio a tudo isso? Quantas lutas tiveram que enfrentar para ter o mínimo para sobreviver?

Segundo uma matéria publicada na Agência de Notícias do IBGE, no dia 28/04/2021 "A taxa média de desocupação em 2020 foi recorde em 20 estados do país, acompanhando a média nacional, que aumentou de 11,9% em 2019 para 13,5% no ano passado, a maior da série histórica da PNAD Contínua, iniciada em 2012. As maiores taxas foram registradas em estados do Nordeste e as menores, no Sul do país. Esses resultados decorrem dos efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho." (IBGE)

"Insegurança alimentar é quando alguém não tem acesso pleno e permanente a alimentos. Hoje, em meio à pandemia, mais da metade da população brasileira está nessa situação, nos mais variados níveis: leve, moderado ou grave. E a insegurança alimentar grave afeta 9% da população – ou seja, 19 milhões de brasileiros estão passando fome." Os dados são do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), como parte do projeto VigiSAN.

O Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da Pandemia da Covid-19 foi realizado em 2.180 domicílios nas cinco regiões do país, em áreas urbanas e rurais, entre 5 e 24 de dezembro de 2020.

Os resultados mostram que nos três meses anteriores à coleta de dados, apenas 44,8% dos lares tinham seus moradores e suas moradoras em situação de segurança alimentar. Isso significa que em 55,2% dos domicílios os habitantes convivem com a insegurança alimentar, um aumento de 54% desde 2018 (36,7%).

Em números absolutos: no período abrangido pela pesquisa, 116,8 milhões de brasileiros não tinham acesso pleno e permanente a alimentos.

Desses, 43,4 milhões (20,5% da população) não contavam com alimentos em quantidade suficiente (insegurança alimentar moderada ou grave) e 19,1 milhões (9% da população) estavam passando fome (insegurança alimentar grave).

Segundo a pesquisa da Vigilância Sanitária, a insegurança alimentar cresceu em todo país, mas as desigualdades regionais seguem acentuadas. As regiões Nordeste e Norte são as mais afetadas pela fome.

Em 2020, o índice de insegurança alimentar esteve acima dos 60% no Norte e dos 70% no Nordeste – enquanto o percentual nacional é de 55,2%. Já a insegurança alimentar grave (a fome), que afetou 9,0% da população brasileira como um todo, esteve presente em 18,1% dos lares do Norte e em 13,8% do Nordeste.

O Nordeste apresentou o maior número absoluto de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, quase 7,7 milhões. Já no Norte, que abriga apenas 7,5% dos habitantes do Brasil, viviam 14,9% do total das pessoas com fome no país no período.

Além disso, a conhecida condição de pobreza das populações rurais, sejam elas de agricultores(as) familiares, quilombolas, indígenas ou ribeirinhos(as), tem reflexo importante nas condições de segurança alimentar. Nessas áreas, em todo o país, a fome se mostrou uma realidade em 12% dos domicílios.

Para o pesquisador do Núcleo de População em Situação de Rua da Fiocruz Brasília Marcelo Pedra, o agravamento da situação econômica e social no país traz um novo perfil das pessoas em situação de rua e alerta para a necessidade de ações muito mais céleres para evitar que elas fiquem mais tempo nas ruas e tenham menor adesão às ofertas e ações públicas. Já para Vanilson Torres, que passou 27 anos nas ruas de Natal e hoje é representante do Movimento Nacional da População em Situação de Rua, esse novo perfil é de pessoas pertencentes à classe trabalhadora que não conseguem mais pagar seus aluguéis e contas e estão indo para as ruas em busca de alimento, mas permanecem por não terem mais como se manter.

Os dados apresentados pelo psicólogo sanitário Marcelo Pedra confirmam os dados apresentados pelo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no

Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. De acordo com a pesquisa realizada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, 31% das pessoas estão na rua há menos de um ano, sendo 64% por perda de trabalho, moradia ou renda. Destes, 42,8% afirmaram que se tivesse um emprego sairia das ruas. Ele apresentou ainda dados de cadastro de serviços do SUS que mostram que houve um aumento de 35% das mulheres em situação de rua.

É um cenário que não deixa nenhuma dúvida de que a combinação das crises econômica, política e sanitária provocou uma imensa redução da segurança alimentar em todo o Brasil.

Como se já não bastasse a precária situação que o país já vivia, os brasileiros são pegos de surpresa com uma pandemia, que leva familiares, empregos, estabilidade, o psicológico e leva também a paz...

Comparando com vidas secas, podemos relacionar com Fabiano, que precisou lutar com o que tinha em todo momento e é isso que temos enfrentado e visto nesses tempos. Pessoas vivendo com o mínimo e fazendo o impossível para passar por cima disso tudo e viver pelo menos com o mínimo. Como podemos observar no trecho abaixo:

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás." (RAMOS, p.9)

A escalada da fome durante a pandemia não é de responsabilidade de um vírus, mas de escolhas políticas de negação e da ausência de medidas efetivas de proteção social.

Assim como a seca castigava em Vidas Secas, a pandemia castiga a população, principalmente de classe baixa, nos tempos atuais.

O Estado que castiga

Se tem uma coisa que Fabiano considera boa e perfeita é governo. Fabiano é calado, submisso, tudo suporta porque sempre foi, é assim que deve ser. Mas na calamidade em que se encontra mergulhado - uma calamidade que aceita como seu destino irrevogável, da qual não há saída - não há sequer a sombra de um governo.

Não no sentido que conhecemos, com a obrigação de administrar e manter políticas presentes no cotidiano dos cidadãos. Fabiano não é cidadão, mas nem sabe o que isso significa. Em dois momentos ele menciona o governo, nos capítulos "Cadeia" e "Soldado Amarelo" o faz com reverência pelo que considera perfeito e inadequado, com o que considera inconsistente. "Como pode um soldado amarelo ser o governo?"

O soldado amarelo de Vidas Secas é uma metáfora do poder e dominação da instituição estatal. Na história, o Estado é representado por uma figura de autoridade que protegerá o povo das injustiças e abusos, mas que acaba oprimindo, cometendo injustiças e humilhando os marginalizados, socialmente marginalizados, como Fabiano.

No capítulo "Cadeia", após ser preso e agredido sem justa causa, Fabiano lembra que essa situação era normal e que mesmo estando nessa situação, ele mesmo não foi o causador do levante. Até os abusos cometidos pelo "governo" foram aceitos por Fabiano. Seguindo a hierarquia, ordenando e renunciando, questionou atos de violência apenas quando foi vítima deles, mas sua pergunta não foi dirigida ao governo, mas sim, ao próprio soldado.

Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no

tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: -
"Tenha

paciência. Apanhar do governo não é desfeita. Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo? (RAMOS, p. 33).

O inconformismo que Fabiano demonstra diante da figura do soldado amarelo, embora acabe por obedecer-lhe e respeitá-lo, estabelece a contradição que ele

observa entre aquela figura – “mofina, covarde e ruim” – e o governo que ele representa. Fabiano reconhece e legitima as hierarquias. Ele mostra uma idealização do governo que se choca com a figura do soldado. O governo com certeza não seria nada daquilo. “E por mais que forcejasse, não se convencia que o soldado amarelo fosse governo. Governo, uma coisa distante e perfeita não podia errar.” (RAMOS, 1982, p.33-34).

O Estado ausente não é diferente no século XXI em meio ao caos pandêmico. Milhões de pessoas morrendo e nos deparamos com um governo que debocha da situação e não dá o seu devido valor. A história se repete. Um povo sofrido e calejado que ainda tem que lidar com um governo omissivo. Um governo que não valoriza a educação, que não olha para os menos favorecidos e que debocha da dor alheia.

“O som do tiro rompe o silêncio. O medo não bate à porta, invade as casas com um fuzil em punho. A fome aperta. Há alguns meses, a luta diária pela sobrevivência nas favelas ganha um novo obstáculo: a covid-19. E o Estado que deveria assegurar direitos básicos, onde está?”

Fonte: Jornal Brasil de Fato - Rio de Janeiro

Para André Dread, entrevistado pela jornalista Jaqueline Deister, do BdF, morador da Cidade de Deus, favela localizada na zona Oeste no Rio de Janeiro, e integrante dos coletivos *Favela Preta* e *Frente CDD*, a resposta à pergunta é marcada por dor e revolta. “A gente é morador de favela, estamos morrendo todo dia nas comunidades com o Estado que é genocida e entra com ódio, derramando sangue, deixando corpos no chão e estamos cansados disso. Não aguentamos mais”, desabafou.

“Na nossa luta temos até uma fala que ‘é nós por nós e pelos nossos até o fim’. Estamos arriscando a vida pelos nossos porque o Estado continua ausente, as pessoas não têm de onde tirar. Muitas pessoas, nesse momento, estão esperando o auxílio emergencial, que muitos não conseguem receber por erros. Percebemos que as pessoas estão precisando muito do nosso coletivo”, detalhou Dread.

Qualquer semelhança não é mera coincidência. A história de vidas secas se repete nos momentos atuais e vemos que muitas coisas ainda não mudaram. A

ignorância nos torna cegos e muitas pessoas se fazem cegas, hoje em dia, ao se depararem com as incoerências do governo atual.

A população pobre do interior do Nordeste, tornava-se ainda mais vulnerável com a chegada da seca, pois estava inserida em um meio político e social hostil, no interior de uma estrutura concentrada de poder e de um regime de produção excludente.

Como por exemplo, nesse trecho escrito por Maria Helena Patto, que para ela, Graciliano:

[...] conheceu por dentro a barbárie das relações sociais e “metamorfoseou em literatura” a experiência da injustiça e a revolta contra ela. Publicado em 1938, “Vidas secas” faz parte do projeto literário da “geração de 30”, de se valer da arte para mostrar uma sociedade vincada de espoliação e opressão. Valendo-se da linguagem oral e regional, Graciliano fala da decepção política que sobreveio nas décadas de 1930-1940 e não vê “conaturalidade entre o homem e o meio”, mas, em cada personagem, “a face angulosa da opressão e da dor” (2012, p. 225).

É o caso das famílias Fabiano e Sinhá Vitória: empurradas para os limites da animalização pelo narrador, subjugadas por um sistema que ameaça tirar sua identidade humana:

"Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas." (RAMOS, p. 20)

Graciliano denuncia as relações sociais de opressão e injustiça que ainda existem no Brasil rural, especialmente no Nordeste, à medida que o Sul caminha para a industrialização e a urbanização.

O romance conseguiu a proeza de apresentar uma visão sintética da sociedade brasileira em suas camadas mais profundas. Há uma dimensão social de exploração e opressão política. Pelo que pude entender do trabalho, acredito que a possibilidade de um país e um Nordeste mais próspero se daria se houvesse uma transformação social estrutural, promovendo mais igualdade e justiça social, menos pobreza, fome e declínio econômico. As coisas pelas quais lutamos hoje, sem sucesso, no cenário político atual.

Só assim se poderá evitar a migração, se todos tiverem acesso à terra e aos meios necessários para trabalhar e assegurar a sua autonomia. Ou seja, não é a seca, mas os recintos, (terra, água, caatinga, produção de alimentos etc.) os responsáveis pela migração das famílias nordestinas.

Ao meu ver, a realidade desse povo e de diversas pessoas hoje em dia, poderia ser diferente se houvesse investimento na educação. Tudo começa pela educação. Quando temos mais acesso à educação, automaticamente temos mais oportunidades de emprego, maior movimento da economia e uma transformação do meio social.

Conclusão

A família de imigrantes e suas histórias oprimidas são tecidas por meio de seus relacionamentos com o ambiente hostil em que vivem. As palavras que faltam nas emoções sufocantes - traduzidas pelo narrador em seu discurso indireto livre - são levadas por tudo que rejeitam e tudo que lhes é imposto.

O contexto social de Fabiano materializa-se nas camadas mais pobres da sociedade moderna, promovendo constrangimentos educacionais e acesso à saúde, exploração econômica e laboral. O romance de Graciliano Ramos traz um alerta de que uma vida plena não se confunde com resquícios ou migalhas, pelo contrário, uma vida plena se assemelha à qualidade de vida e à dignidade humana.

Por meio do desenvolvimento deste artigo, pode-se perceber que os desafios que Fabiano passou estão inter-relacionados com a dificuldade de comunicação da linguagem, fazendo com que muitas vezes sofra de opressão e exclusão social. A renúncia ao poder público e a seus entes mergulhou Fabiano e sua família em uma vida miserável. Eles vivem no limite de uma sociedade onde não podem ser vistos. Eles vivem em um mundo árido, seco de carinho, de conhecimento e respeito. Graciliano Ramos destacou em seu romance que a seca que seus personagens temem acabou endurecendo seus corações, o que em certa medida afetou diretamente a comunicação entre eles, pois sempre enfrentaram a falta de casa, de emprego e de esperança em dias de paz e prosperidade. "Vidas Secas" retrata a história de uma família de sobreviventes que trabalharam muito para não morrer. Não há plano, apenas a luta diária.

A luta de Fabiano não é exclusiva dele, a obra retrata as lutas de muitos "Fabianos" que sobreviveram ao abandono e à exclusão social dia após dia. Este é o desafio encontrado por esta análise literária: que a sociedade contemporânea seja capaz de se não extinguir, ou de pelo menos de buscar reduzir as diferenças sociais, e procurar promover uma sociedade mais justa e equilibrada, em que direitos humanos deixem de ser um conceito e possam ser realmente praticados. Durante séculos, esse desafio pareceu utópico e ainda parece, mediante a todos os acontecimentos atuais.

De acordo com o Candido, "a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura.

(...) Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 1988, p. 191). Em outras palavras, se a Fabiano fossem respeitados os direitos fundamentais presentes e assegurados pela Constituição, seu destino seria diferente.

Neste trabalho pudemos relacionar as semelhanças da obra “Vidas Secas” com a atual pandemia da Covid – 19 e os dias de hoje e vimos que por mais que estejamos em outro século, muita coisa se assemelha àquela época, como o governo omissivo, como a seca que ainda castiga diversas pessoas, como o êxodo rural que ainda persiste, como a falta de perspectiva, entre outros.

Assim como a seca (e outros fatores) castigava(m) em Vidas Secas, a pandemia castiga a população nos tempos atuais. Assim como o contexto do clima castigava, a pandemia castiga e vem também de um agente externo. Assim como a educação se deparou com inúmeros desafios na pandemia, a educação também já enfrentava desafios na obra. Assim como a miséria era predominante em Vidas Secas, ela teve um brusco aumento durante a pandemia e depois. Assim como o Estado é negligente no livro, ele é negligente atualmente e se tornou mais ainda em meio a toda essa pandemia mundial.

Ao observar e interpretar a obra e correlacionar com este século, podemos perceber o quão importante é o acesso à informação e à educação. Se o governo investisse em educação, os filhos de Fabiano poderiam ter outra realidade e até mesmo Fabiano e Sinhá Vitória poderiam ter tido. Se os filhos de Fabiano tivessem essa oportunidade, isso poderia trazer esperança a Fabiano e ter mudado toda a realidade deles.

Que a gente possa reconstruir futuros logo, porque estudar não só pode mudar uma trajetória de vida, mas é o que muda um país.

Referências Bibliográficas

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

BOSI, Alfredo. Ensaio de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas cidades: Editora 34, 2003.

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão: ensaio sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1992.

CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, A. Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1988. p. 169-191.

MACHADO, D. De Volta a Vidas Secas (Ao Encontro de Fabiano). Seção Textos. Revista USP, n. 58, p. 182-199, jun./ago.2003.

ROBLES-LESSA, Moyana Mariano; ARQUETTE L. N., Alinne; CA- BRAL; Hildeliza Lacerda Tinoco Boechat. COVID-19: El agravamiento de la mistanasia a la luz de la Bioética. Anuario de Bioética y Derechos Humanos, p. 77-92, Argentina: IIDH – América, 2020.

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30235-com-pandemia-20-estados-tem-taxa-media-de-desemprego-recorde-em-2020>

<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/inseguranca-alimentar-e-covid-19-no-brasil/>